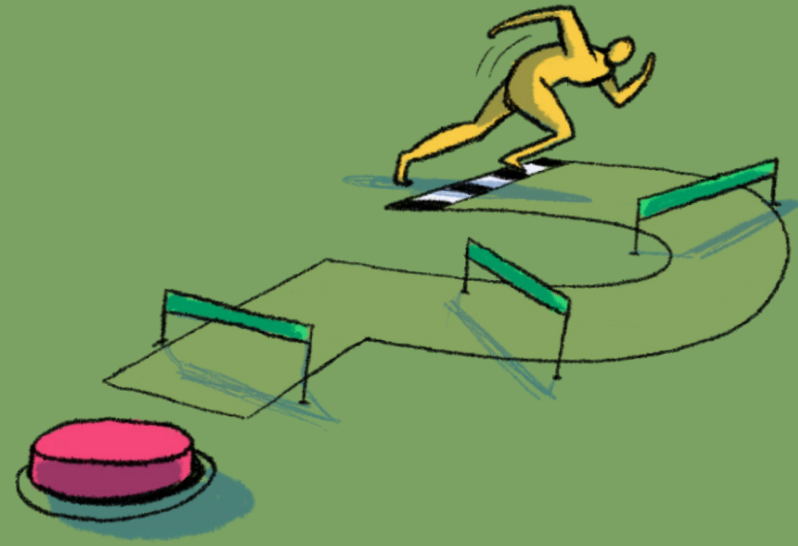
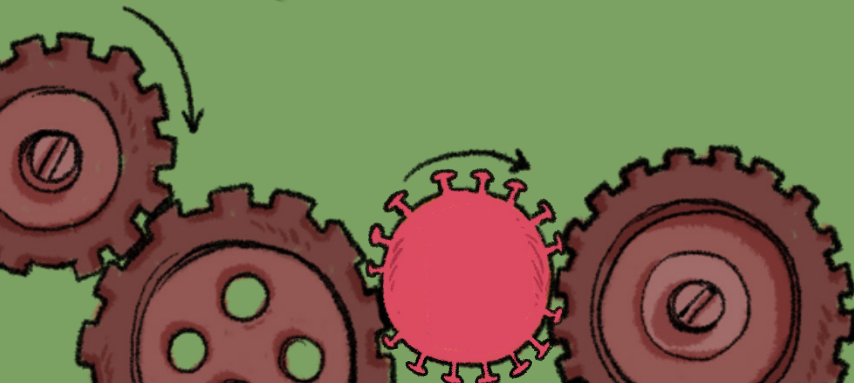


O QUE APRENDEMOS COM A PANDEMIA COVID-19?



O projeto “O que aprendemos com a COVID 19”, desenvolvido no âmbito da candidatura de Oeiras a Capital Europeia da Cultura e a Capital Europeia da Inovação, tem por principal objetivo identificar as aprendizagens fundamentais que nos trouxe este ano de pandemia covid19, para podermos incorporá-los no propósito e no funcionamento das nossas organizações.

O projecto já se realizou noutras cidades, entre elas Barcelona, sob a orientação da mesma equipa. Para a sua realização foram entrevistados profissionais destacados do Município de Oeiras, distintos dirigentes, empresários, cientistas, etc.



AS PESSOAS:

“somos frágeis, mas adaptáveis”



ADAPTAÇÃO

Aprendemos **rápido**: em poucas semanas e meses as pessoas responderam tanto a nível pessoal como profissional, adaptando-se às novas circunstâncias e aos novos papéis.

Construímos em cima da nossa fragilidade: em vez de ceder às dificuldades, muitas pessoas aproveitaram este momento para **repensar** a sua posição vital.

Surgiu o valor da **resiliência**: Para além da busca permanente de uma melhor eficiência a curto prazo, surgiu com força a procura de uma maior eficácia a médio e a longo prazo, a resiliência.



EQUILÍBRIO

Valorizamos mais o equilíbrio vida/trabalho: as horas excessivas de trabalho remoto levaram muitas pessoas a impor **limites** ao “sempre-conectado”.

Percebemos o valor de ter um **portefólio pessoal**: a nossa vida deve ser mais rica, não se limitar apenas a trabalhar e a descansar para poder voltar ao trabalho; É necessário definir e manter um portefólio vital mais amplo (que nos agrada, que nos faça valorizar a nossa vida, etc.).

A **saúde mental** tornou-se um tema central: para além do impacto fisiológico nas pessoas afetadas pelo vírus, os sucessivos confinamentos que obrigaram toda a população a ficar em casa, enfatizaram a importância de trabalhar o equilíbrio mental.



SOLIDARIEDADE

Somos mais semelhantes do que imaginávamos: a pandemia afetou todos os países e todo o tipo de população. A Humanidade é “uma” e devemos começar a tratar os problemas comuns de forma mais **coordenada**.

Sentimos uma maior **sintonia** com a Humanidade: pela primeira vez em muitas gerações experienciamos um problema totalmente global; Temos que aproveitá-lo e prepararmo-nos para os próximos desafios globais, como as alterações climáticas.

Perguntámo-nos “*e eu, que posso fazer?*”: Toda a gente, tentou ajudar naquilo que pode; a solidariedade dentro das famílias e entre colegas de trabalho foi muito importante, e todos nós sentimos a **responsabilidade** de contribuir.



HIBRIDIZAÇÃO

Explorámos a **combinação** da presença física e virtual: fomos obrigados a aprender rapidamente a trabalhar remotamente, o que nos fez perceber a oportunidade de, no futuro, fazer coincidir o presencial com o remoto.

Aprendemos a usar melhor as **ferramentas digitais**: a sua utilização não é imediata nem trivial, especialmente se quisermos aproveitá-las ao máximo; é necessária uma prática regular, para nos habituarmos à ideia do trabalho digital.

Queremos **casas mais confortáveis** para viver e trabalhar: uma vez que passaremos mais tempo em casa, a viver e a trabalhar, interessa-nos que esta seja mais cómoda e esteja melhor preparada.



AS ORGANIZAÇÕES:

“eficiência deve ser combinada com resiliência”



RESILIÊNCIA

Reducir a dependência da Ásia: a rotura de algumas cadeias de suprimentos durante a pandemia destacou a necessidade de sermos menos dependentes de fornecedores distantes.

Reindustrializar a Europa: uma das consequências da crise é que voltou a fazer sentido considerar o *reshoring*, ou o *nearshoring*, ou seja, o retorno das indústrias ao Continente; algo que também contribui e é consistente com o desafio da sustentabilidade.

Tirar partido da **digitalização**: para muitas empresas, a pandemia demonstrou a necessidade de uma presença digital em plataformas e mercados internacionais. Ser digitalmente ativo tornou-se imprescindível na maioria dos setores.



ESTRATÉGIA

É necessário pensar mais e de forma mais eficaz, a **médio e longo prazo**: não podemos continuar a funcionar de um ponto de vista da “sobrevivência”, pensando apenas no quotidiano; as oportunidades são muitas e há que responder de forma inteligente.

Construir **parcerias público-privadas**: a colaboração entre as administrações e as organizações privadas, para conseguir responder às estratégias nacionais e internacionais (União Europeia), será cada vez mais imprescindível, e será necessário aumentar a eficácia da sua coordenação.

Conectar com outras indústrias, em formato de **ecossistemas**: a colaboração entre organizações de diferentes setores, será a forma de responder a novos desafios, mais complexos e sofisticados, tanto da sociedade como do mercado.



LIDERANÇA

Surgiram **líderes escondidos e inesperados**: muitos profissionais responderam para além das responsabilidades que lhe eram atribuídas, o que fez com que as capacidades de liderança aumentassem.

A função do líder é **acompanhar** as pessoas: à “distância” física e emocional entre profissionais das organizações, fez aumentar a importância da transparência das informações fornecidas e do acompanhamento realizado por parte dos líderes, tranquilizando os seus trabalhadores através de mensagens claras.

Capacitar as equipas para que sejam autossuficientes: é preciso ir mais além do habitual mecanismo de “comando e controle”; as organizações precisam de trabalhar em equipa, para responder aos clientes de forma mais ágil, conectada e directa.

O que aprendemos com a pandemia covid19?



INOVAÇÃO

Reducir a distância entre a ciência e o mercado: os problemas das pessoas requerem soluções mais ágeis, que vêm cada vez mais da ciência e da tecnologia, que respondem rapidamente com novas propostas.

Responder às novas necessidades das pessoas: as organizações devem analisar melhor a sociedade, de forma a detetar quais os problemas e as necessidades, para que a **resposta seja feita de forma mais rápida**. A inovação é a criação de um novo valor que responda às necessidades das pessoas.

Treinar a **inovação colaborativa**: o mundo é demasiado complexo para tentarmos “resolvê-lo” sozinhos; é necessário colaborar com outras organizações de forma a complementarmos mutuamente.

SOCIEDADE:

“é crítico melhorar a coordenação”



EUROPA+

É necessária mais **coordenação** na União: os problemas de grande escala, como a pandemia, exigem soluções pensadas a nível continental.

É necessário mais **investimento** no futuro: a competitividade da Europa num ambiente de “blocos competitivos” (Norte-América, China, Sudeste Asiático, etc.) requer investimentos na ciência e tecnologia, e uma agilização na sua comunicação com o mercado.

É preciso **prepararmo-nos** para a próxima crise: a pandemia mostrou que “o unimaginável” pode tornar-se rapidamente num problema; há que definir os instrumentos coletivos com os quais a União poderá defender-se de maneira mais eficaz face às crises futuras.

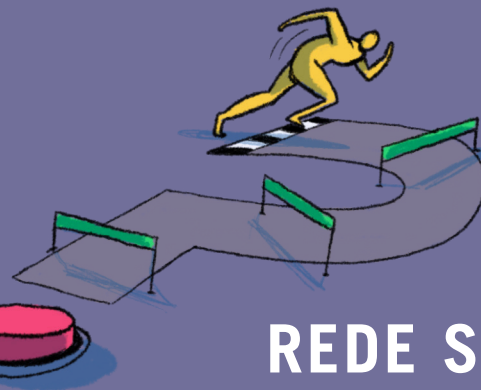


NOVA ECONOMIA

Rumo a uma economia baseada na **ciência e na tecnologia**: cada vez mais as empresas precisam de se envolver para gerar a oportunidade de construir uma economia competitiva, que assente no conhecimento científico e tecnológico.

Construir a partir de parcerias **público-privadas**: a nova economia é o resultado de planos a longo prazo, a nível continental, da mobilização de recursos públicos em quantidades relevantes, e da participação activa de empresas privadas que respondem a “missões” conjuntas, entre o público e o privado.

Educação como centro da política económica: Elevar o nível da qualidade e o alcance da educação já não é apenas uma questão de justiça social (garantindo a igualdade de oportunidades), mas sim uma ferramenta crítica para garantir a competitividade económica.



REDE SOCIAL

Nova geração de **previdência social**: precisamos de evoluir para novas formas de proteção social (como uma segurança social mais eficaz e economicamente sustentável, ou a exploração do rendimento básico universal), bem como novas formas de financiá-la.

Mais apoio para a população mais **vulnerável**: é necessário desenvolver mecanismos eficazes para dar oportunidades às camadas mais vulneráveis da população, que podem ser cada vez mais excluídas de um ambiente excessivamente baseado na eficiência na automatização.

Usar **dados** para melhorar a vida dos cidadãos: preocupamo-nos muito com a privacidade dos dados, algo indiscutível, no entanto, temos que perceber que a análise honesta dos mesmos pode gerar novas soluções para os problemas dos cidadãos.



SUSTENTABILIDADE

A sustentabilidade do **planeta** é fundamental para a saúde: foi demonstrado que existe uma relação direta entre a “saúde” dos sistemas naturais e a saúde das pessoas; e nós temos apenas este planeta.

São geradas **oportunidades** para novos setores económicos: a necessidade de assegurar boas condições para a vida no planeta, gera muitas oportunidades de criação económica (como por exemplo, tudo o que está relacionado com a revolução energética e a sustentabilidade).

Sustentabilidade de modelos económicos e **personais**: Devemos encontrar um vínculo que seja indiscutível entre o que fazemos como cidadãos e o que fazemos como profissionais; a coerência entre aquilo que produzimos e aquilo que consumimos é fundamental.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA:

“A ciência é o nosso escudo protector”



ACELERAÇÃO

Conversão mais rápida de ciência em inovação: a distância entre o laboratório e o mercado está cada vez mais curta porque são necessárias novas soluções para a resolução de problemas mais complexos.

A **investigação fundamental** é crítica a longo prazo: a pandemia demonstrou a grande utilidade da investigação que trabalha com base em eventuais e possíveis desenvolvimentos futuros.

A **colaboração científica** acelera os processos: o rápido desenvolvimento das vacinas, demonstra a utilidade da colaboração entre centros de investigação e entre estes e as empresas.



TRANSVERSALIDADE

A multidisciplinidade é crítica: Hoje, a ciência exige um inter-relacionamento entre disciplinas que são aparentemente distantes e uma combinação de ideias e soluções radicalmente novas.

São necessários mecanismos de **colaboração** entre os centros de investigação: a colaboração não é automática nem fácil; precisam de ser definidas, testadas e adaptadas, novas formas de colaboração entre centros de investigação, de forma a facilitar e a promover a combinação das suas capacidades.

Cientistas jovens e consagrados precisam de estar **conectados**: um aspeto tácito do desenvolvimento científico é a conexão entre a experiência e a energia dos jovens cientistas, e essa conexão deve ser feita o quanto antes e de forma global.



DEMOCRATIZAÇÃO

A ciência passou a fazer parte das **conversas comuns**: os cidadãos “incorporaram” a ciência no seu quotidiano, passaram a reconhecer o valor e, em especial, a sua utilidade durante a pandemia; Essa predisposição deve ser potencializada para que a ciência contribua ainda mais para o bem-estar das pessoas.

É necessária mais **cultura científica** nas escolas: a ciência é fundamental para o nosso futuro, portanto, é necessário garantir o surgimento e atendimento de novas vocações científicas e tecnológicas na educação.

Aproveitar este bom momento da ciência: É preciso mostrar às pessoas que a ciência não é o espaço de uma elite, mas sim um lugar que trabalha para o **bem comum** e que qualquer pessoa pode integrar.



LIGAÇÕES AO MERCADO

“Missões” que estimulem projectos cruzados: As administrações e o setor público devem lançar desafios coletivos (missões), baseados no desenvolvimento científico e tecnológico, e assegurar recursos que estimulem e mobilizem todos os tipos de organizações para participar na geração de novos valores económicos e sociais.

Melhores sistemas de **transferência** de ciência e tecnologia: Uma nova geração de modelos e instrumentos para conectar a ciência elaborada em universidades, em centros de pesquisa e nas empresas.

Oportunidades para o **setor da saúde**: Em particular, a pandemia demonstrou a grande oportunidade económica e social que surge da potencialização da conexão entre a investigação médica e sanitária e a indústria da saúde; uma oportunidade especialmente relevante para Europa.



